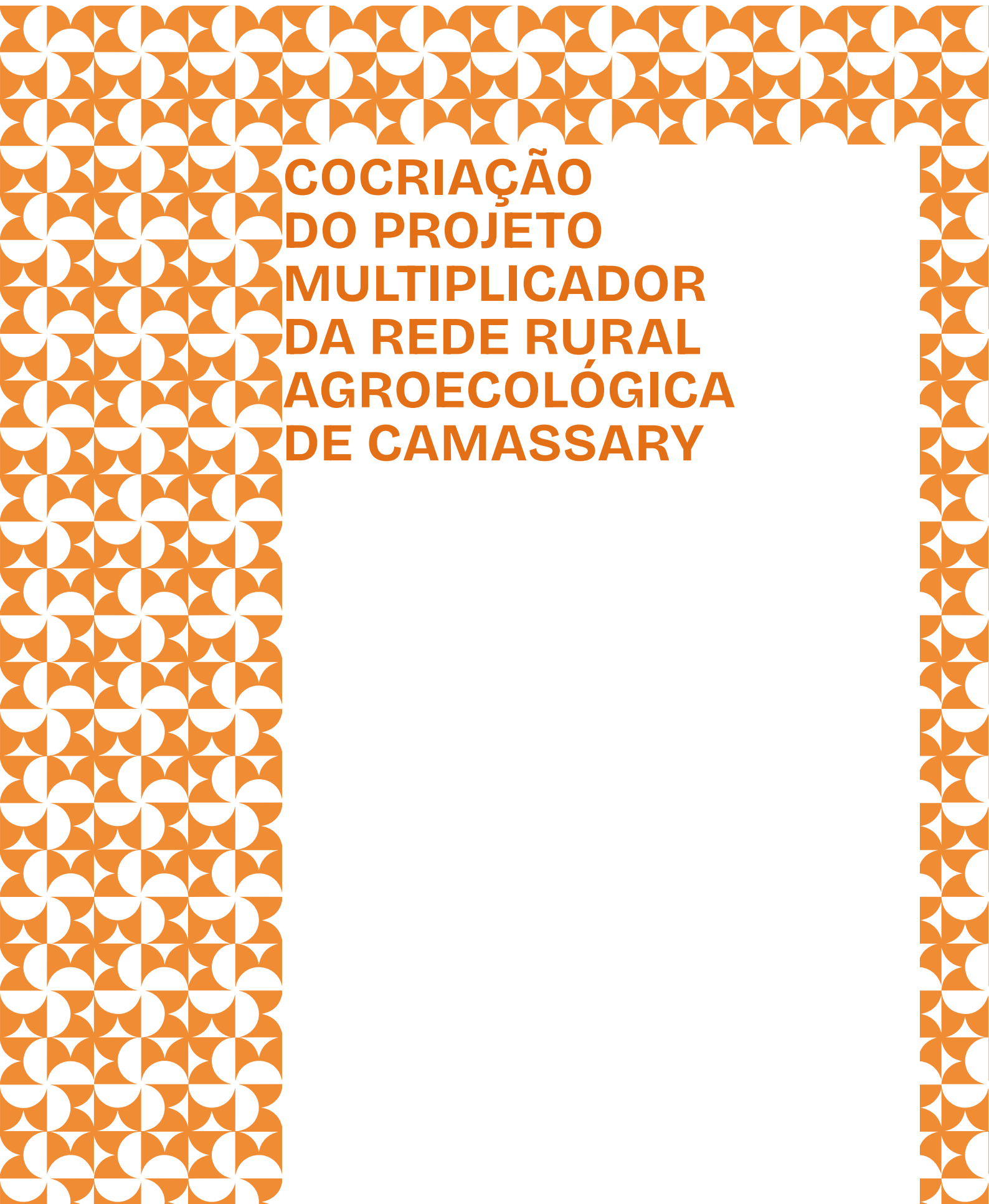


UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ensino&Aprendizagem | Série Extensão EixosTemáticos



COCRIAÇÃO DO PROJETO MULTIPLICADOR DA REDE RURAL AGROECOLÓGICA DE CAMASSARY

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Paulo Cesar Miguez de Oliveira

Vice-reitor

Penildon Silva Filho

FACULDADE DE ARQUITETURA

Diretor Faufba

Fábio Macêdo Velame

Vice-diretora Faufba

Juliana Cardoso Nery

Coordenadora PPG-AU/Faufba

Ariadne Moraes Silva

Vice-coordenadora PPG-AU/Faufba

Liana Silvia de Viveiros e Oliveira

Equipe Nappe

Leo Name (Coordenador)

Any Brito Leal Ivo (Vice-coordenadora)

Alejandra Hernández Muñoz

Junia Cambraia Mortimer

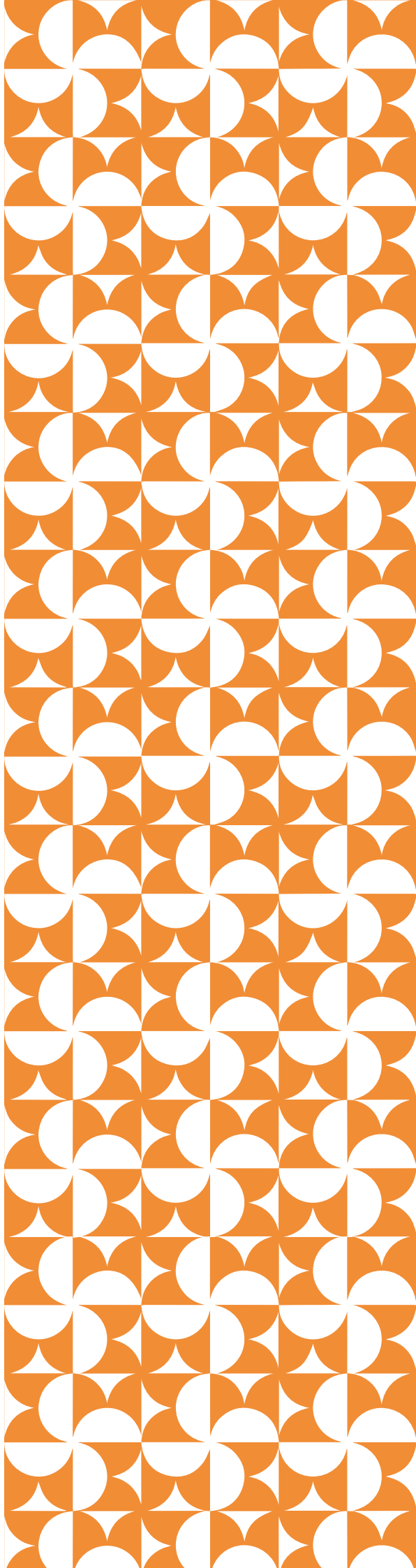
Rodrigo Scheeren

Thais de Bhanthumchinda Portela



**PPG-AU
FAUFBA**

NAPPE
NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ensino&Aprendizagem | Série Extensão EixosTemáticos

COCRIAÇÃO DO PROJETO MULTIPLICADOR DA REDE RURAL AGROECOLÓGICA DE CAMASSARY

AUTORAS

Nayara Cristina Rosa Amorim

Heliana Faria Mettig Rocha

Camila Gomes Sant'Anna

Andréa Cardoso Ventura

Clarice Araújo Carvalho

SALVADOR, UFBA, 2025

2025, autores.
Direitos para esta edição cedidos à UFBA.
Feito o depósito legal.

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Projeto Gráfico
Rafa Moo

Editoração e Arte Final
Cecylle Amaral e Giulia Lagrotta

Revisão
Anna Beatriz Lage Fernandes

Normalização
Adriana da Gloria Santana

Sistema Universitário de Bibliotecas – UFBA

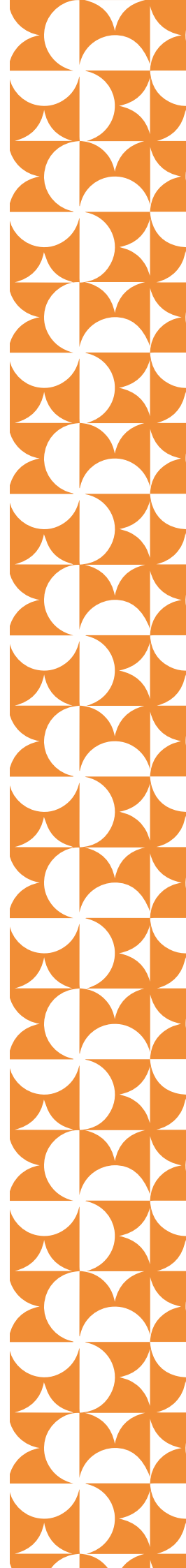
Cocriação do projeto multiplicador da rede rural agroecológica
de Camassary [recurso eletrônico] / Nayara Cristina Rosa
Amorim ... [et al.] – Salvador : PPG-AU/FAUFBA ; NAPPE, 2025.
23 p. : il. color. ; 21 x 29,7 cm

Ensino&Aprendizagem | Série Extensão EixosTemáticos
Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/43418>
ISBN: 978-65-5631-172-2

1. Comunidades agrícolas – Bahia. 2. Bahia – Condições
rurais. 3. Agricultura familiar. 4. Desenvolvimento sustentável.
5. Extensão rural. I. Amorim, Nayara Cristina Rosa.

CDD 334.6

Elaborada por Jamilli Quaresma CRB-5: BA-001608



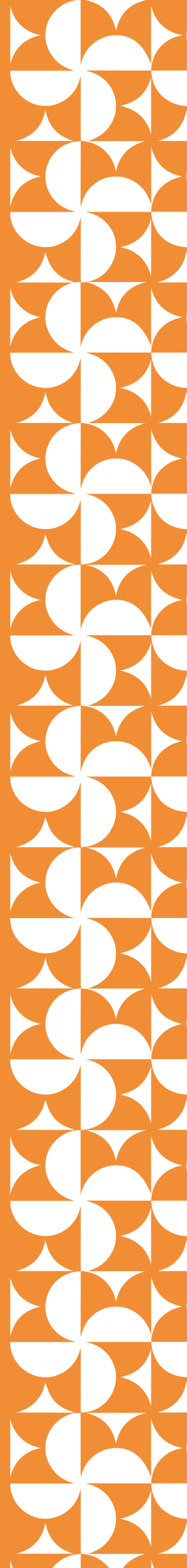
AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos parceiros, membros e apoiadores da Rede Rural Agroecológica de Camassary (@rederuralagroecocamassary); à Cooperativa Agropecuária e Industrial de Coqueiro de Monte Gordo (COOPERMONTE) (@cooperativa_coopermonte); à Associação dos Pequenos Agricultores Nova Esperança de Coqueiro de Monte Gordo (APANE); ao Centro SUAF de Camaçari (@centrosuaf); aos membros da Comunidade que Sustenta Agricultura (CSA) Coopermonte e Acauã; à Associação Beneficente Mãe da Terra (@abmaedaterra); ao Cititour Rural (@citi-tourural_); ao Projeto Madrinhas (@projeto.madrinhas); e ao grupo Juventude Agroecológica. Além de agradecer ao Colégio Estadual de Monte Gordo, por nos acolher, e à Associação de Cancelas (@agrocancelas), por nos receber.

Também agradecemos à agência de fomento (ProExt/UFBA), aos estudantes de graduação e pós-graduação matriculados nas três disciplinas e ao bolsista de extensão Kaique Lisboa, que hoje são também apoiadores e integrantes da Rede Rural Agroecológica de Camassary.

Sumário

7	Introdução
8	Rede Rural Agroecológica de Camassary
9	Acordos metodológicos e a construção das oficinas
11	Primeira oficina: Fundamentos
12	Segunda oficina: Saberes
15	Terceira oficina: Projeto
18	Quarta oficina: Prática
21	Considerações finais
23	Referências



INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo fortalecer, multiplicar e dar visibilidade às iniciativas da Rede Rural Agroecológica de Camassary. Além disso, busca registrar os caminhos metodológicos e conceituais percorridos por disciplinas extensionistas ao longo de quatro oficinas, um processo de cocriação e construção de uma estufa de mudas de hortaliças e uma tecnologia social reaplicável e de baixo custo que traz impactos sociais, ambientais e econômicos para os agricultores e seus territórios.

O conteúdo aqui compartilhado é fruto do trabalho desenvolvido em disciplinas extensionistas¹ da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU). As atividades são parte do programa de extensão Práticas Socioecológicas em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (PRASAU+P) e do projeto de extensão Habitar Resiliente em áreas de transição rural-urbana, da Pró-Reitoria de Extensão (ProExt) da UFBA. Também estão integradas ao Grupo de Estudos @Socio.eco.logicas do LabHabitar da FAUFBA e ao Grupo de Pesquisa GpS (Governança para Sustentabilidade e Gestão de Baixo Carbono)/EAUFBA, além de possuírem antecedentes na pesquisa de pós-doutorado de uma das autoras².

A pesquisa tem como área de aproximação a cidade de Camaçari, Bahia, com cerca de 300 mil habitantes em 785,42 km² de extensão (IBGE, 2022), sendo metade do município (56,7%) de área rural (Camaçari, 2023). Camaçari possui grande patrimônio ambiental e abriga as unidades de conservação: Área de Proteção Ambiental (APA) Rio Capivara, Parque das Dunas de Abrantes, Cinturão Verde de Proteção do Complexo Petroquímico de Camaçari, APA Lagoas de Guarajuba, Parque Garcia D'Ávila, Corredor Ecológico da Orla e parte da APA Joanes, Ipitanga; além de terras cultivadas por agricultura familiar, povos originários e quilombos certificados e não titulados. Esse patrimônio recorrentemente é pormenorizado devido a ser considerado, no passado, como um polo industrial e, atualmente, como foco crescente da especulação imobiliária, acrescida de extração mineral e turismo na área da orla marítima. No entanto, emerge sua vocação como polo verde pela dinâmica persistente da agricultura familiar. Dois extremos que geram incompatibilidades de premissas ao planejamento da paisagem.

1 ARQB32_ACCS Caminhos de Convergência Socioecológica: saberes, projeto e prática; ARQC83_Imersão em Extensão III: Caminhos de Convergência Socioecológica; e PPG-AU0159_Tópicos Especiais em Arquitetura e Urbanismo: Convergência Socioecológica: saberes, projeto e prática.

2 Projeto "Da Coexistência à convergência Socioecológica: saberes, projetos e práticas" realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU) da Universidade de Brasília (UnB), com parte do trabalho de campo em pesquisa-ação na comunidade rural de Camaçari, junto ao projeto "Territórios da Agricultura" (Disponível em: <https://evoluir.com.br/territorios-da-agricultura/> Acesso em: 20 jul. 2024), bem como o acompanhamento da implantação da Residência CTS - Habitat, Agroecologia, Economia Solidária e Saúde Ecosistêmica (Disponível em: <https://www.residenciacts.unb.br/> Acesso em: 20 jul. 2024).

Como parte da fundamentação teórica, temos a abordagem socioecológica, que considera a interdependência entre os fatores humanos, físicos e ambientais nas diretrizes do que se apresenta como um habitar que – para além da construção e distribuição das moradias e acessos – inclui as decisões sobre expansão, destinação de resíduos, manutenção das áreas verdes, entre outros, configurando estratégias em busca de resiliência. Essa abordagem vem sendo aplicada como metodologia para identificar e fortalecer práticas comunitárias emergentes nos processos de transformação socioespacial. Entre os aspectos mais relevantes encontrados no processo de pesquisa sobre essas práticas emergentes, estão a formação de comunidade e o vínculo que esta mantém com a natureza. Esses aspectos reforçam sua interdependência ao demonstrar que é possível aplicar um olhar de convergência entre as questões sociais e ambientais nessas ações locais, muitas vezes não contempladas em intervenções urbanas protagonizadas pela gestão pública (Rocha, 2022). E, para tentar nos aproximar desse contexto, a proposta extensionista tem como parceria a Rede Rural Agroecológica de Camassary.

REDE RURAL AGROECOLÓGICA DE CAMASSARY

A Rede Rural Agroecológica de Camassary é uma rede em formação criada em 2023, na segunda edição do projeto Territórios de Agricultura³, uma iniciativa que visa a construção coletiva de soluções que possibilitem a produção, o consumo e a comercialização de alimentos saudáveis, em parceria com o poder público e com organizações sociais do território (Rozencwaig *et al*, 2022).

Além disso, tem como objetivo desenvolver e promover uma rede agroecológica rural com o propósito de fortalecer as práticas sustentáveis de agricultura, cultural e gastronômica, fomentar a segurança alimentar local e regional, além de apoiar a resiliência das comunidades rurais por meio da troca de conhecimentos, técnica e cooperação entre produtores e colaboradores, promovendo a conservação dos recursos naturais, a diversificação produtiva e o fortalecimento socioeconômico das famílias envolvidas (Rede, 2023).

O conceito de agroecologia, presente no nome da rede rural, pode ser definido como um movimento social que deve envolver todos os interessados em um alimento bom e seguro, em um ambiente limpo, na justiça social e em relações mais equilibradas entre cidade e campo (Ploeg, 2011). Steve Gliessman, um dos principais pesquisadores de agroecologia, entende o conceito como:

Agroecologia é a integração de pesquisas, educação, ação e mudanças que propiciam sustentabilidade para todas as partes do sistema alimentar: ecológica, econômica e social. Ela é

3 Projeto realizado pela empresa Evoluir e viabilizado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura, do Ministério da Cultura.

transdisciplinar, pois valoriza diferentes formas de conhecimentos e experiências direcionadas para a transformação do sistema alimentar. Ela é participativa, pois requer envolvimento de todos os sujeitos, de agricultores até consumidores. Ela é orientada por ações, pois confronta estruturas econômicas e políticas do atual sistema alimentar através de estruturas sociais e ações políticas alternativas. Sua abordagem é baseada no pensamento ecológico, onde uma compreensão holística sobre a sustentabilidade dos sistemas alimentares em vários níveis se faz necessária (Gliessman, 2018, p. 599 *apud* Candiottto, 2020, p.31).

A agroecologia envolve diferentes agentes: cientistas, ativistas, agricultores, Organizações Não Governamentais (ONGs) e movimentos sociais e tem, entre seus princípios mais adotados, a defesa de uma produção livre de agrotóxicos e transgênicos e o discurso sobre cuidados com elementos da natureza – solos, água, fauna, flora, ecossistemas – segundo Rosset e Altieri (2018). Todavia, outros princípios têm sido defendidos exclusivamente por agricultores e suas organizações, como a garantia de soberania alimentar e territorial para os camponeses; a priorização de mercados justos que permitam o acesso a alimentos orgânicos para população pobre e, finalmente, a efetivação de transição do modelo de agricultura convencional predominante – o agronegócio – para um novo sistema alimentar (Candiottto, 2020). A Rede Rural Agroecológica de Camassary, um projeto coletivo gestado por agricultores e apoiadores, defende a reforma agrária e a regularização dos territórios indígenas e quilombolas e das comunidades tradicionais, prezando pelo fortalecimento da agricultura familiar, pela preservação da identidade e pela ancestralidade dos territórios (Rede, 2023).

Diante desse cenário de participação e enfrentamento na construção de políticas públicas, e buscando a consolidação e visibilidade da rede, foram pensadas e construídas quatro oficinas em Monte Gordo, as quais abordaremos na sequência.

ACORDOS METODOLÓGICOS E A CONSTRUÇÃO DAS OFICINAS

A ação em comunidade foi estruturada em quatro oficinas, seguindo os temas: Fundamentos, Saberes, Projeto e Prática (Figura 1). As duas primeiras foram realizadas no Colégio Estadual de Monte Gordo, a terceira no colégio e no Sítio Agro Triunfante e a quarta na Associação de Cancelas, no distrito de Monte Gordo, Camaçari, Bahia. As atividades desenvolvidas e oficinas contaram com 22 participantes da comunidade de Monte Gordo inscritos como extensionistas, 16 alunos de graduação e 11 alunos de pós-graduação do PPGAU, ou seja, em torno de 50 participantes diretos, mais um número variável de convidados, a exemplo de estudantes do colégio estadual, professores e moradores da comunidade.

FIGURA 1
Material de divulgação das oficinas



Fonte: elaborada pelas autoras.

As oficinas seguem uma metodologia baseada em rodas de conversa e atividades realizadas em grupos de trabalho formados por discentes de graduação e pós-graduação, e membros da comunidade de Monte Gordo inscritos nas oficinas extensionistas, potencializando as inter-relações entre academia e comunidade e valorizando os saberes locais através da escuta e do fazer junto por meio do protagonismo estudantil e comunitário. Cada grupo recebeu um tema que foi desenvolvido e melhor compreendido ao longo das oficinas: (GT1) Abordagem socioecológica, (GT2) Cartografia afetiva e pegada ecológica, (GT3) História contada pelos agentes territoriais, (GT4) Redes e tecnologias sociais, (GT5) Rede Agroecológica de Camassary e (GT6) Alternativas para o habitar resiliente.

Na sequência, abordaremos os temas aprofundados em cada uma das quatro oficinas extensionistas.

Primeira oficina: Fundamentos

A primeira oficina tem como objetivo desvendar e discutir como a Rede Agroecológica de Camassary pode se fortalecer como uma rede colaborativa de indivíduos que buscam construir um modo de habitar resiliente nas áreas de transição entre o urbano e rural, entendendo a identidade territorial como força propulsora. No primeiro momento, foram realizadas dinâmicas para que os integrantes da oficina se apresentassem e reconhecessem seu papel como agentes transformadores da rede, conforme pode ser evidenciado na Figura 2.

FIGURA 2

Dinâmica para compreender os agentes transformadores da rede



Fotógrafo: Kaique Lisboa (6 abr. 2024).

No segundo momento da oficina, ocorreu a exposição dos fundamentos da abordagem socioecológica proposta e, no debate, foram explorados os caminhos possíveis para se fortalecer a rede, além dos principais desafios a serem enfrentados. Nesse contexto, veio à tona um tema que afligia a todos: a polêmica entre o que é rural e o que seria urbano frente ao Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável (PDDU-S), atualizado em 2023. O plano legitima o aumento do perímetro urbano, passando a considerar parte do distrito de Monte Gordo como área urbana e impactando o habitar dos agricultores.

A alteração do plano diretor afeta a produção dos agricultores com a atribuição de impostos onerosos, não garantindo infraestrutura de energia, água e esgoto de qualidade e reforçando a escassez de políticas públicas que estimulem a prática e a economia agrícola familiar e sustentável. Diante disso, a caracterização do espaço rural por eles habitado e o fortalecimento de sua cultura de produção agroecológica têm sido uma demanda importante. O PDDU-S é um instrumento público fundamental para promover o desenvolvimento econômico da cidade de modo social e ambientalmente responsável. Entretanto, é preciso buscar alternativas para gestão das áreas de transição rural-urbana.

Segunda oficina: Saberes

A formação do Brasil tem, na ancestralidade da terra e dos povos originários, a base sobre a qual convergiram povos europeus e africanos – de forma espontânea num caso e forçada no outro –, que, com sua linguagem e seu trabalho, foram constituindo paisagens a partir dos novos modos de habitar (Duarte, *et al* 2023). Segundo os autores, é dessa tensão e do cruzamento de experiências que se evidencia nossa paisagem cultural brasileira, que emerge da luta e se apoia na necessidade de se atrelar às pessoas como respeito à ancestralidade que abraça todos os indivíduos.

A segunda oficina tem como objetivo integrar diferentes visões sobre o habitar, o produzir e o preservar, que perpassam o campo social, ambiental e das singularidades individuais e coletivas. Buscamos escutar algumas experiências locais: (1) o Sr. Florisvaldo, conhecido como Sr. Dadu, quilombola do território de Cordoaria; (2) Diego Ariel, batizado pelo seu povo de Inaiê, como representante dos povos tupinambás; (3) Roque Bispo, do Sítio Agrotriunfante, representando os agricultores de Monte Gordo, um dos fundadores da Rede Rural Agroecológica de Camassary; e (4) Francisco Athayde, do condomínio ecológico Viva Natureza Viva. O Quadro I a seguir é uma tentativa de sistematização desses saberes:

QUADRO 1**Formas de habitar, produzir e preservar**

	HABITAR	PRODUZIR	PRESERVAR
(1)	Entende que mora em um quilombo não reconhecido.	Na comunidade, houve o ciclo do quiabo e das hortaliças. Antes, produzia-se muita mandioca; a comunidade tem até uma casa de farinha, onde hoje se produz tapioca e beiju com a mandioca que vem de outros lugares. Em seu sítio, ele produz alimentos agroecológicos por meio de agricultura familiar e a produção é comercializada em feiras. Relata que as novas gerações de Cordoaria não estão se interessando pela agricultura como fonte de renda.	Fala sobre a preservação das origens e da cultura: dos sambas, das rezas e das histórias, coisas que, atualmente, estão sendo ameaçadas pela religião e pelo agronegócio. Fala da importância de os quilombolas acessarem a universidade pública e trazerem esses conhecimentos da “letra miúda” para a comunidade.
(2)	Um indígena não aldeado, assentado em um terreno de um hectare nas margens de um rio, vive do que a terra produz. Mora acampado, tem como sonho a construção de uma moradia que traga conforto e o respeito à sua identidade indígena.	Pratica agricultura selvagem/ agricultura indígena e faz manuseio do fogo como técnica de agroecologia indígena, trazendo os nutrientes do solo para a superfície.	Fala sobre a importância do resgate de identidade e da cultura indígena, que tem respeito pela natureza, a fim de não praticar a agricultura da mesma forma que o colonizador. Fala sobre a relação integrada que seu filho tem com a natureza: “ele é da floresta e a floresta é dele”.
(3)	Mora com a família em um sítio em Monte Gordo.	Produz de forma agroecológica hortaliças, leguminosas, verduras e frutas. Os alimentos possuem selo orgânico e são comercializados em feiras e por cestas da Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Fala da importância da organização em cooperativas e redes para os agricultores.	Salienta que temos que plantar também o que o bicho come, porque sem os bichos não tem natureza e sem natureza não tem mais nada.

	HABITAR	PRODUZIR	PRESERVAR
(4)	O condomínio é loteado, respeitando os corpos d'água e a vegetação existente. As moradias adotam os princípios da bioconstrução, com captação de água de chuva e biodigestores.	No condomínio, tem uma horta comunitária e a terceirização do serviço de compostagem. Tem como objetivo a criação de uma feira agroecológica nas áreas comuns do condomínio.	Foi loteado preservando as árvores existentes, realiza o reflorestamento da mata ciliar com permacultura e reivindica a criação do Imposto Predial e Territorial Urbano Verde, com isenção ou benefícios fiscais para áreas preservadas ou reflorestadas. O local realiza visitas guiadas de educação ambiental para escolas.

Fonte: elaborado pelas autoras a partir das falas e registros da segunda oficina.

No segundo momento da oficina, iniciou-se o mapeamento socioecológico, que adotou o biomapa⁴, como metodologia participativa com o objetivo compreender as realidades ambiental, econômica e social do município de Camaçari. Os biomapas podem ser usados como uma base de informação e de fácil monitoramento e atualização, podendo se tornar uma referência de informações territoriais que constituem um documento legítimo para o planejamento da paisagem, direcionando, assim, a tomada de decisão.

Utilizou-se como base a imagem aérea do Google Earth (2024) impressa em lona, onde foram somadas informações de hidrografia e limite dos municípios. Para construção do biomapa, os grupos de trabalho se reuniram e se apropriaram das categorias e dos ícones a serem mapeados⁵. Cada grupo recebeu os ícones e as tabelas impressos, de modo que poderiam listar e descrever os itens identificados. Depois, cada grupo foi convidado a ir até o mapa para espacializar os ícones e falar um pouco sobre suas impressões, como vemos na Figura 3.

4 Biomapa ou *greenmap* é uma metodologia de diagnóstico e planejamento participativo em que os envolvidos fazem uma leitura do seu espaço, identificando e localizando pontos de interesse, como equipamentos sociais, áreas verdes e corpos d'água, bem como questões sociais, ambientais, culturais e potencialidades. Disponível em: <https://greenmap.org/explore/maps>. Acesso em 15 jan. 2024.

5 Categorias e subcategorias mapeadas no biomapa: Cultura e Sociedade – características culturais, informações ambientais, justiça e ativismo, serviços e marcos políticos; Modo de Vida Sustentável – economia verde, tecnologia e design, mobilidade; e Natureza – terra e água, flora, fauna, atividades ao ar livre –, Riscos e Desafios.

FIGURA 3

Momento inicial da construção do biomapa, no qual os participantes tentam se localizar



Fotógrafo: Kaique Lisboa (27 abr. 2024).

Apesar da tentativa do Quadro I de fragmentar os saberes em habitar, produzir e preservar para tentar compreender o todo, e dos esforços do biomapa para espacializar o conhecimento sobre o território, sabe-se que as vivências ocorrem de forma articulada, como ilustrado na fala do Sr. Dadu: “eu vou morar na mata, mas não vou morrer de fome, vou comer da erva brava, da mesma que o bicho come”.

Terceira oficina: Projeto

A elaboração de um projeto consiste na distribuição de subgrupos, onde mentes individuais, juntamente se transformaram em um coletivo, corroborando para uma transformação social, e acima de tudo pessoal (Tiago Santana⁶, 2024).

Buscando vivenciar a cocriação do projeto, abrimos um espaço para o diálogo entre estudantes e comunidade, visando conciliar as demandas da comunidade local com os conhecimentos dos participantes da disciplina e com o tempo disponível para execução. As opções analisadas para o desenvolvimento projetual foram: uma horta de ervas medicinais (farmácia viva); o estudo dos impactos da rede (sociais, ambientais, econômicos); a criação de uma feira agroecológica; o mapeamento de demandas *versus* potencialidades da rede; um seminário de

⁶ Estudante de graduação matriculado na disciplina extensionista.

fortalecimento da rede; o projeto de uma cozinha comunitária; e a construção de uma estufa de mudas – o qual foi selecionado. Para melhor detalhamento da alternativa escolhida, foi elaborada uma matriz de Fragilidades, Oportunidades, Fortalezas e Ameaças (FOFA)⁷, conforme apresentado no Quadro 2, uma estratégia de planejamento estratégico de projetos e/ou empresas visando diagnóstico, análise organizacional e elaboração de planos de ação (Branco Junior *et al.*, 2021).

QUADRO 2

Matriz FOFA do projeto estufa de mudas

	Fatores internos (controláveis)	Fatores externos (incontroláveis)
Pontos Fortes	Forças	Oportunidades
	<ul style="list-style-type: none"> • Junção de saberes dos produtores/ agricultores e dos técnicos/projetistas e estudantes. • Aprendizado prático/teórico de todos os envolvidos. • Conhecimento dos agricultores sobre a construção e manutenção de estufas. • Conhecimento dos agricultores sobre os cuidados com mudas. • Iniciativa e interesse que partem da comunidade local. • Possibilidade de reaplicação. • Espaço físico disponível em terreno de propriedade coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação da rede como promotora de autonomia, possibilitando redução de custos com compra de mudas externas, promovendo autonomia produtiva. • Apoio mútuo entre subterritórios. • Espaço de educação ambiental com possibilidade de participação das escolas. • Oportunidade dos jovens locais ressignificarem e valorizarem os saberes produtivos dos antigos por meio da experiência de escutar, trocar e praticar agricultura. • Crescimento do interesse por comida saudável. • Possibilidade de elaboração de um manual ou uma cartilha digital de fácil compartilhamento sobre a construção de estufas. • Produção de cartões postais ou adesivos como produto de divulgação das espécies vegetais produzidas e da rede. • Implantação de uma tecnologia social.
Pontos Fracos	Fraquezas	Ameaças
	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de recursos financeiros. • Dificuldades de manutenção. • Baixo conhecimento sobre como gerir – controlar e divulgar – a quantidade e diversidade de mudas disponíveis ou necessárias. • Desalinhamento das visões de crescimento da rede entre os membros. 	<ul style="list-style-type: none"> • Novo regramento do IPTU Verde. • Falta de recursos externos e parcerias. • Inconclusão ou descontinuidade do projeto • Existência de hortos de mudas na região. • Possíveis conflitos entre participantes e separação entre grupos de agricultores e subterritórios. • Perdas na produção de mudas devido a fatores naturais: ventos, chuvas intensas e períodos de estiagem.

Fonte: elaborado durante a aula, 2024.

7 Também conhecida pelo acrônimo Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats (SWOT) em inglês.

A partir da definição da estufa de mudas como foco do projeto, prosseguimos para a terceira oficina, visando validar a proposta com a comunidade e distribuir as funções entre os grupos. A escolha pela estufa foi descrita considerando o conhecimento dos envolvidos, o potencial de geração de renda e de empoderamento da comunidade agrícola e a replicabilidade do projeto para outros territórios e/ou grupos. No entanto, o local de implantação da estufa ainda seria definido entre a Associação dos Pequenos Agricultores Nova Esperança (APANE) de Coqueiro de Monte Gordo, o Centro Avançado de Sustentabilidade e Agricultura Familiar (Centro SUAF) de Camassary, o Colégio Estadual de Monte Gordo e a Associação de Agricultores e Piscicultores de Cancelas (AgroCancelas), além dos participantes da Associação Beneficente Mãe da Terra e do Projeto Madrinhas (Juventude Agroecológica), que também manifestaram interesse pela implantação em seus espaços.

Parte dos membros defendeu a implantação da estufa em territórios de Monte Gordo em que a comunidade local teve presença e contribuição ativa nas oficinas. Outra parte dos participantes considerou que a implantação em Cancelas, onde a associação está mais coesa, tem o potencial de aproximar os territórios e fortalecer a zona rural da região como um todo. Entretanto, os moradores de Cancelas não conseguiram participar das oficinas, o que gerou um certo descontentamento. Depois de um diálogo intenso, por fim, a escolha foi pela implantação da estufa em Cancelas.

Escutamos os diferentes pontos de vista e discutimos critérios para a escolha do local para implantação do projeto piloto – etapa crucial para alinhar os esforços e acordar o compromisso de todos com os objetivos estabelecidos. Nesse momento, ficou clara a importância, quando em uma rede, do processo participativo de ouvir os atores envolvidos para tomada de decisão. Vale ressaltar que dar voz aos diversos atores não significa alcançar uma decisão unânime, mas que os pontos serão discutidos de forma transparente. Assim, foi possível comprovar um dos papéis da formação de uma rede: o de permitir o diálogo entre diferentes perspectivas, ouvir os envolvidos e buscar alternativas possíveis, mas sempre com um objetivo maior e comum à vista (Rowley, 1997).

Com o objeto e local definidos, a oficina finalizou com uma visita à estufa existente no Sítio Agro Triunfante, propriedade do agricultor Roque (Figura 4), como exemplo do que poderia ser replicado.

FIGURA 4

Diálogo entre estudantes e comunidade e visita à estufa do sítio Agro Triunfante, cuja estrutura física havia sido prejudicada por chuvas e ventos recentes



Fotógrafo: José Helder (25 mai. 2024).

Quarta oficina: Prática

A quarta e última oficina culminou na execução colaborativa de uma estufa de mudas de hortaliças na Associação de Cancelas, um projeto multiplicador da Rede Rural Agroecológica de Camassary. A estufa funciona como uma tecnologia social, que pode ser entendida como produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis que buscam resolver problemas sociais com a participação comunitária no processo decisório de escolha tecnológica, utilizando conhecimentos e recursos tanto tecnológicos quanto tradicionais, de forma colaborativa, coletiva e participativa com suas comunidades, com baixo custo, alto impacto social e baixo impacto ambiental (Dagnino, *et al*, 2010).

O povoado de Cancelas está localizado na zona rural de Monte Gordo, uma área de difícil acesso devido à qualidade das estradas e quase ausência de transporte público. A Associação de Agricultores e Piscicultores de Cancelas é composta por 127 associados, em sua maioria por mulheres que têm na agricultura familiar seu sustento. A sede contempla um espaço de integração social onde acontecem assembleias, feiras mensais e encontros. A comunidade fornece alimento para programas como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Do Rural à Mesa, além de participar também do Centro Público de Economia Solidária (CESOL).

Para que a estufa de mudas fosse concretizada durante a quarta oficina, muitas ações foram desenvolvidas em diálogo entre o território e a sala de aula. Em Cancelas, os membros da rede prepararam o solo, fizeram a implantação e a base estrutural da estufa. Na universidade, os grupos de trabalho se concentraram em algumas demandas: (GT1) Estudo sobre o mobiliário da estufa; (GT2) Representação gráfica da implantação e da planta-baixa da estufa; (GT3) Elaboração de uma cartilha ou um fôlder com um manual prático de montagem de uma estufa, produzindo e difundindo o conhecimento; (GT4) Levantamento de condicionantes e

indicadores para monitoramento das mudas produzidas e dos impactos – social, ambiental, econômico – da estufa; e (GT5) Experimento de linguagens gráficas e sensoriais para indicar/diferenciar as espécies cultivadas e trazer visibilidade para estufa como projeto da rede.

As ações na oficina foram distribuídas entre as seguintes atribuições: (i) montagem da estrutura da estufa e da cobertura; (ii) preparação e plantio das sementes; (iii) montagem da composteira; (iv) planejamento do caminho e jardim na entrada da estufa; e (v) análise da captação de água de chuva para irrigação. Algumas ações estão ilustradas nas Figuras 5, 6, 7, 8 e 9.

FIGURA 5

Encontro na Associação de Cancelas e protótipo da estufa construída



Fonte: GT3 José Hélder Pereira, Lara França, Lídice Mendes, Raquel Falcão, Carla Gonçalves, Cris Mara, Gabriele Vitória, Erika Alves, 2024. Fotógrafo: Angélica Araújo (29 jul. 2024).

FIGURA 6

Diferentes grupos trabalhando e montagem do fechamento lateral da estufa



Fotógrafo: Heliana Mettig (29 jul. 2024).

Figura 7

Agricultor Roque ensinando sobre o plantio das sementeiras e plantio das sementeiras



Fotografo: Heliana Mettig (29 jul. 2024).

FIGURA 8

Preparação do material reciclável para formar o canteiro de entrada da estufa e placa que compõe a fachada da estufa, elaborada para divulgação do projeto



Fotografo: Heliana Mettig e Camila Sant'Anna (29 jul. 2024).

FIGURA 9

Apoiadores, estudantes, professores, extensionistas e agricultores



Fotografo: Áurea Leão (29 jul. 2024).

O projeto e a construção da estufa em Cancelas uniram saberes comunitários e acadêmicos, promovendo a participação e a educação ambiental com o objetivo de ampliar a capacidade produtiva de comunidades que habitam, produzem e preservam seus territórios de características rurais. Assim, na atual conjuntura de disputa por terra, intrínseca a essas zonas de transição, a ação ampliou o lugar de fala das populações rural e urbana de forma alinhada aos princípios da socioecologia, da agroecologia, da soberania alimentar e do direito à alimentação, água e saneamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar o ciclo de oficinas extensionistas, foi realizado o Seminário Habitar Resiliente (Figura 10), recebendo os membros da rede na universidade, uma devolutiva para a comunidade em que os estudantes apresentaram os resultados dos trabalhos codesenvolvidos entre universidade e comunidade para o fortalecimento da Rede Rural Agroecológica de Camassary.

FIGURA 10
Seminário Habitar Resiliente na FAUFBA



Fotografo: Cléo Kimberly (18 jul. 2024).

Em torno do termo agroecologia, existe um amplo campo de disputas e de relações de poder, levando a um risco de cooptação da agroecologia por instituições e empresas vinculadas à lógica capitalista. Desse modo, entende-se que é preciso lutar pela agroecologia, defendendo-a enquanto uma possível ferramenta para a soberania alimentar e territorial e, quem sabe, para o fortalecimento da autonomia camponesa (Candiottto, 2020). Nesse sentido, a Rede Rural Agroecológica de Camassary, mesmo estando em estágio de formação e estruturação, mostra-se como um importante espaço de luta e diálogo, interessada nas trocas comunidade-universidade e participando ativamente na construção de políticas públicas, como o plano diretor, e gerida por iniciativas de base comunitária.

A ação de ensino-extensão com a Rede Rural Agroecológica de Camassary possibilitou a construção conjunta de caminhos de convergência socioecológica, buscando melhores condições de vida para os agricultores, de modo a preservar o uso da terra e garantir o cultivo de subsistência pela agricultura familiar e a produção agrícola agroecológica.

REFERÊNCIAS

- BRANCO JUNIOR, Armando Castello; SAMPAIO, Tainá Marques; FARIAS, Ana Karoline Silva Rocha; MIRANDA, Kayra Helena Freitas; SOUZA, Lorraine Lacerda de; PEÇANHA NETO, João Lemes; RODRIGUES, Stela Ferreira. Mapeamento ambiental participativo e matriz SWOT/FOFA enquanto práticas de gestão e educação ambiental com ênfase em recursos hídricos. *Geografia Ensino & Pesquisa*, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 11-48, 6 jul. 2021.
- CAMAÇARI, *Lei complementar nº 1.873/2023, de 15 de dezembro de 2023*. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Sustentável (PDDU-S) do Município de Camaçari. Camaçari, 2023. Disponível em: <http://pddu.camacari.ba.gov.br/pddu-2023-2/>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- CANDIOTTO, Luciano Zanetti Pessoa; Agroecologia: conceitos, princípios e sua multidimensionalidade. *AMBIENTES: Revista de Geografia e Ecologia Política*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 25, 2020. DOI: 10.48075/amb.v2i2.26583. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/26583>. Acesso em: 7 maio. 2024.
- REDE RURAL AGROECOLÓGICA DE CAMASSARY. *[Carta da rede rural ao PDDU-S de Camaçari]*. Camaçari, 2023. Disponível em: <https://padlet.com/habitarresiliente/caminhos-de-convergencia-socioecologica-ywz8i8s5tfs47fu7/wish/2919712542>. Acesso em: 7 maio. 2024.
- DAGNINO, Renato; BRANDÃO, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: DAGNINO, Renato. (org.) *Tecnologia social: ferramenta para construir outra sociedade*. 2.ed. rev. ampl. Campinas: Komedi, 2010. p.71-112.
- DUARTE, Mirela Carina Rêgo; SÁ CARNEIRO, Ana Rita; SILVA, Milena Torres de Melo; SOEIRO, Ítalo César de Moura; ROSSIN, Mariana Silva. A alegoria da paisagem cultural brasileira. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, v. 31, p. 1-31, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/1982-02672023v31e25>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/207933>. Acesso em: 16 maio 2024.
- GLIESSMAN, Stephen. *Defining Agroecology. Agroecology and Sustainable Food Systems*. v. 42, n.6, p.599-600, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/21683565.2018.1432329>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21683565.2018.1432329>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Primeiros resultados do Censo 2022*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/camacari/panorama>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- ROCHA, Heliana Faria Mettig; RAYNAL, Camila Pithon; CLOUGH, Carmélia Nunes Carilo. Por uma abordagem socioecológica no planejamento urbano: problematizando resiliência urbana, climática e comunitária em Salvador da Bahia. In: Encontro nacional da ANPUR. 19 Anais do XIX ENANPUR. Blumenau: 2022.
- ROSSET, Peter M.; ALTIERI, Miguel A. *Agroecologia: ciência e política*. SOCLA, 2018.
- ROMÃO, Mariana Monferdini (org.) *Exposição: Territórios da Agricultura*: catálogo. São Paulo: Editora Evoluir, 2023.
- ROWLEY, Timothy J. Moving beyond dyadic ties: a network theory of stakeholder influences. *Academy of Management Review*, v. 22, n. 4, p. 887-910, 1997. Disponível em: <https://journals.aom.org/doi/10.5465/amr.1997.9711022107>. Acesso em: 27 de junho. 2024.
- PLOEG, Jan Douwe van der. *The drivers of change: the role of peasants in the creation of an agro-ecological agriculture*. *Agroecologia Política*, v. 6, p. 47-54, 2011.

Formato: 21 x 29,7 cm

Fontes: Bricolage Grotesque, Lato, Volkorn

Extensão digital: PDF



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA E PRODUÇÃO EDITORIAL

